Dia 2 — São Francisco de Paula, Confessor

São Francisco de Paula, ornamento e maravilha de seu século, nasceu em Paula, pequena cidade da Calábria, no ano de 1416, de uma das mais honradas e mais virtuosas famílias daquela cidade. Tiago Martolilo, por outro nome Saliconte, e Viana de Fuscaldo, seus pais, persuadiram-se de que este filho era fruto de um voto que haviam feito ao Senhor sob a invocação de São Francisco de Assis, cujo nome lhe puseram; e, poucos dias depois, tendo advertido que o menino tinha num olho uma nuvem que lhe embaraçava a vista, fizeram promessa ao Senhor de vesti-lo por um ano com o hábito do mesmo São Francisco num de seus conventos, e logo se lhe desvaneceu a nuvem.

Quis a piedosa mãe criar por si mesma seu filho e cuidar de sua virtuosa educação. Pouco lhe deixou que fazer a divina graça, porque o menino Francisco havia nascido tão naturalmente inclinado à virtude que todos os seus entretenimentos eram fazer oração e estar nas igrejas. Antecipou-se a devoção à razão, começando desde sua mais tenra infância aquela vida penitente que continuou até a morte.

Não contribuíram pouco para fomentar sua piedade os bons exemplos que observava dentro de sua casa. Seus virtuosos pais, contentes com um filho e uma filha que lhes havia dado o céu, viveram dali em diante como irmão e irmã, atendendo unicamente ao cuidado de sua salvação e à criação de sua pequena família. Era Francisco todo o seu consolo; mas foi preciso privar-se dele para cumprir a promessa que haviam feito. Logo que completou treze anos, entregaram-no aos religiosos de São Francisco, no convento de São Marcos, a uma légua da cidade de Paula.

Desde logo observaram os religiosos no menino Francisco uma grande prudência em toda a sua conduta, um entendimento judicioso e maduro, uma docilidade, uma submissão que não tinha semelhante; e, acrescentando-se a tudo isto uma devoção que assombrava os mais fervorosos, chegou a ser a admiração de todo o convento. Fizeram quanto puderam para não perder aquele tesouro, mas eram diferentes os desígnios da divina Providência. Tendo cumprido Francisco o voto de seus pais, pediu-lhes licença para ir em peregrinação a Assis, a Nossa Senhora dos Anjos e a Roma. De volta, visitou os mosteiros mais célebres que encontrou no caminho e, chegado a Paula, suplicou a seus pais que lhe permitissem retirar-se a certo lugar solitário que estava numa herdade sua, distante quinhentos passos da cidade. Condescenderam com seus fervorosos desejos, ainda que não tinha mais que catorze anos, bem persuadidos de que era o espírito de Deus quem o chamava ao deserto.

Mas sua mesma fama turbou logo sua amada solidão. Concorriam tropas de cidadãos de Paula para ver aquele novo João Batista no deserto; isto o obrigou a retirar-se a outro mais afastado e como a enterrar-se vivo numa gruta que ele mesmo abriu numa rocha à beira do mar. Ali

ressuscitou em sua pessoa o jovem anacoreta a abstinência, os rigores e o fervor dos antigos, e até se adiantou às suas penitências.

Sua cama era o duro chão da mesma rocha; seu alimento, ervas e raízes que arrancava de um bosque vizinho; sua bebida, a água que ia buscar num riacho bem distante de sua gruta; o vestido, vil e grosseiro, com um áspero cilício rente a suas delicadas carnes; sua ocupação, ler livros espirituais, contemplar e orar continuamente. Isto é quanto se pôde saber daquela vida escondida, que durou até que a Providência lhe enviou alguns discípulos que fossem imitadores e testemunhas de suas virtudes.

No ano de 1435, não podendo resistir às incessantes súplicas que lhe fizeram alguns jovens para que os admitisse por discípulos e lhes permitisse viver em sua companhia, consentiu em que se fabricassem três celazinhas e se erigisse uma pequena capela, aonde um clérigo de uma paróquia vizinha vinha regularmente dizer-lhes missa e administrar-lhes os sacramentos, juntando-se nela todos para cantar louvores a Deus. Este foi como o berço daquela ilustre religião que com o tempo foi a mais formosa porção do rebanho de Jesus Cristo e o mais belo ornamento de sua Igreja; daquela ordem que, singularizando-se entre as demais por seu especial quarto voto de abstinência, confunde a delicadeza de tantos tíbios cristãos que pretendem ter legítimos motivos para dispensar-se do jejum e dos manjares próprios da quaresma; daquela ordem, enfim, tão fecunda em homens insignes, que se difundiu por todas as quatro partes do mundo, ainda em vida de seu fundador, e que conserva hoje, depois de trezentos anos, todo o fervor do primitivo instituto e realça a humildade de seu nome com o relevo de tantas virtudes.

Não tinha então nosso santo mais que dezenove anos; mas sua eminente santidade e as maravilhas que o Senhor obrava por ele aumentaram tanto o número de seus discípulos que se viu obrigado a pensar em edificar um mosteiro que fosse capaz de alojá-los todos. Quis pôr a primeira pedra Pirro, arcebispo de Cosenza. Como a humildade de nosso santo houvesse formado muito estreito o plano, apareceu-lhe de repente um religioso de São Francisco, aconselhando-lhe que fizesse um convento mais capaz e de extensão mais proporcionada e, tendo-lhe deixado todas as dimensões, desapareceu: o que fez crer piedosamente ao papa Leão X que o religioso que lhe havia aparecido tinha sido o próprio São Francisco de Assis.

Não se pode ponderar o ardor com que todos os povos dos arredores concorriam a porfia para adiantar a obra do mosteiro. Vinham trabalhar tropas inteiras de artesãos por sua própria devoção, sem serem gravosos a Francisco nem à sua comunidade. Os jovens de primeira distinção, e até as mesmas senhoras e damas principais, levavam sobre suas delicadas costas os cestos e o entulho para o alicerce e serviam os pedreiros, a quem depois pagavam os jornais. Poucas foram as pessoas que não quiseram ter parte neste maravilhoso edifício; mas nada o adiantou tanto como os milagres que obrou o Senhor por intercessão de nosso santo.

Uma das testemunhas do processo feito em Cosenza para sua canonização depõe que, tendo-se feito levar ao santo para que o aliviasse de uma veemente dor que sentia numa coxa e lhe impedia andar e ter-se em pé, Francisco, depois de lhe haver assegurado que aquela dor era castigo do céu pelo pouco respeito que tinha tido a sua mãe, mandou-lhe que levasse à obra uma viga de enorme peso que muitos homens apenas poderiam mover. Não pôde conter o riso o enfermo ao ouvir

semelhante proposição; mas o santo lhe disse: «Por caridade, fazei o que vos mando, que bem podeis.» Obedeceu sem réplica, carregou sem dificuldade a viga ao ombro, levou-a à obra e ficou de todo são.

Vieram dizer a Francisco que um forno de cal se havia aberto por diferentes partes com a violência do fogo e estava próximo a desabar. Corre ao forno, entra nele intrepidamente, anda entre as chamas fechando as fendas, repara tudo e sai com grande serenidade sem a mais leve lesão.

Parece que possuía o dom universal de milagres. Desprendido do monte, um corpulento penhasco vinha desgalhar-se sobre o edifício e sepultá-lo entre suas ruínas. Levanta Francisco as mãos ao céu, e suspende-se o penhasco no mais pendente da escarpada montanha. Falta água aos que trabalham na obra; faz oração, e brota uma copiosa fonte que jamais se secou. Concluído enfim o portentoso edifício à força de milagres, estabeleceu nele a disciplina regular sem afrouxar no primitivo rigor de penitência que havia estabelecido na primeira ermida. E, ainda que não quis obrigar seus religiosos a uma vida tão austera como a que ele fazia, pois havia muito tempo que se mantinha só com legumes, proibindo-se até o uso do peixe, mandou que por quarto voto se obrigassem todos a uma perpétua abstinência de carne e de laticínios.

Não duvidando o arcebispo de Cosenza de que era obra de Deus o novo instituto, permitiu a Francisco que fundasse conventos em toda a extensão de sua diocese. Os bispos circunvizinhos deram-lhe a mesma permissão, e em pouco tempo viu o santo estabelecidos seus filhos em Paula, Paterno, Espécia e Corigliano.

Desejosos os sicilianos de entrar a parte na dita dos calabreses, pediram a Francisco que enviasse à sua ilha alguns religiosos. Foi o próprio santo em pessoa e fez muitas novas fundações; e, como o dom de milagres o acompanhava por todas as partes, fez tantas maravilhas como passos. O patrão de um navio, muito interessado, não quis admiti-lo a bordo; ele estendeu seu manto sobre as ondas e, neste novo gênero de embarcação, passou com seus companheiros o famoso estreito da Sicília.

Dir-se-ia que Francisco tinha a chave de todos os corações para registrar até os pensamentos mais secretos; que estava ao mesmo tempo em todos os lugares do mundo para ser testemunha ocular dos sucessos mais distantes; e que tinha todos os tempos presentes, tão minuciosa era, até nas mais mínimas circunstâncias, a relação que fazia do futuro.

Profetizou a tomada de Constantinopla; mandou em nome de Deus ao rei de Nápoles que atacasse os turcos e os lançasse da Calábria, não obstante a grande desigualdade de suas forças; uma completa vitória verificou a profecia. Prognosticou ao rei da Espanha que expulsaria os mouros de seus estados e que ele mesmo recobraria o reino de Granada. Movida a irmã do santo de uma ternura mal regulada, impediu um filho seu de entrar na religião de seu tio: morre o rapaz dentro de poucos dias, trazem-no a enterrar na igreja do convento, cantando-se o ofício de defuntos, e, quando iam pô-lo na sepultura, ordena o santo que levem o cadáver a sua cela: faz oração e ressuscita-o. A pobre mãe, cheia de dor, veio no dia seguinte ao convento a consolar-se com seu santo irmão; confessou que era justo castigo do céu, e que, se não tivesse impedido seu filho de ser religioso, sem dúvida viveria. «E então — disse-lhe o santo —, darias agora teu consentimento?» «Ah, irmão meu — respondeu a aflita mãe —, e como o daria! Mas já vem tarde!»

São Francisco lhe diz que espere um pouco; sobe à cela, dá o hábito ao sobrinho, desce com ele e apresenta-o à mãe. Este foi o célebre padre Frei Nicolau de Aleso, que acompanhou seu tio na viagem à França, onde morreu com grande fama de santidade.

Perde o fogo em suas mãos toda a sua virtude: pega brasas sem sentir a menor lesão, para provar a uns legados do sumo pontífice que Deus é o principal autor de seu instituto. Todos os elementos ouviram sua voz, obedeceram a suas ordens, sujeitaram-se a quantas disposições ele quis, como se Deus o houvesse estabelecido árbitro absoluto do mundo.

À vista de tantas maravilhas não há que admirar que tenha feito em todas as partes tão portentosas conversões. Quem havia de resistir a um profeta tão poderoso em obras e em palavras?

Informado o papa Sisto IV dos prodígios que obrava aquele homem extraordinário e dos progressos que fazia seu instituto na Sicília e na Calábria, quis vê-lo; e, examinada sua regra, aprovou-a solenemente por uma bula expedida em 25 de maio de 1474, nomeando Francisco por geral de toda a ordem.

Não é possível compreender como um homem só podia atender a tantos negócios e cuidados, capazes de cansar as forças de muitos. Consultado de todas as partes como oráculo do mundo cristão, a tudo responde; sendo ele só como a alma de sua terna religião, prodigiosamente multiplicada, dispõe e arranja todos os seus concertados movimentos; procurado por grandes e pequenos para alívio em suas doenças e para consolo em suas aflições, a todos atende, a todos socorre, a todos consola; e, no meio desta trabalhosa continuação de fadigas, passa as noites em oração, sem mais cama que uma tábua e uma pedra por cabeceira. Sua vida é um perpétuo jejum: despedaça seu corpo por meio de sangrentas disciplinas com um açoite armado de pontas de ferro; seu vestido não é mais que um cilício encoberto. Seu coração estava tão abrasado no amor de Jesus Cristo que lhe bastava pôr os olhos num crucifixo, ou levantá-los ao céu, para sair fora de si, arrebatado e extático; e sua devoção à santíssima Virgem era tão fervorosa e tão terna que, só com ouvir o doce nome de Maria, eram seus olhos duas copiosas fontes de lágrimas amorosas.

Não era fácil que estivesse defendida da perseguição aquela santidade tão eminente. Um célebre pregador, mais aplaudido que discreto, mal informado de seu divino instituto, declamou publicamente contra ele; mas apenas lhe falou duas palavras nosso santo, converteu-o em um de seus maiores panegiristas, e foi depois insigne protetor de toda a sua religião.

Fernando I, rei de Nápoles, e seus dois filhos, o duque de Calábria e o cardeal de Aragão, deixando-se impressionar com demasiada facilidade pelos que olhavam com desafeto a Francisco, deram ordem de prendê-lo. O capitão a quem se encarregou a comissão, apenas se pôs na presença do santo e foi testemunha dos milagres que obrava, lançando-se a seus pés, rogou-lhe que pedisse a Deus por ele e pelos príncipes, e fez bem depressa mudar de opinião a toda a corte.

Estendendo-se fora da Itália, a fama de sua santidade e de seus milagres chegou à corte da França. Achava-se então o rei Luís XI gravemente enfermo no palácio de Plessis, perto de Tours; e, tendo experimentado inúteis todos os remédios naturais, recorreu, como último recurso, ao ermitão da Calábria. Foi necessário mais de um breve pontifício para fazê-lo ir à corte. Sua viagem

foi uma série de maravilhas, sendo talvez a maior e a mais admirável de todas sua inalterável humildade no meio de tantas honras.

Não se poderiam fazer maiores a um legado da Santa Sé do que as que recebeu na corte do rei de Nápoles. Contudo, falou àquele príncipe com liberdade de profeta e fê-lo derramar lágrimas de arrependimento por muitas coisas que havia feito. O papa Sisto IV recebeu-o em Roma como a um anjo do céu; consultou-o sobre gravíssimos negócios da cristandade e, para honrá-lo, fê-lo sentar-se a seu lado. Quis conferir-lhe as sagradas ordens, mas neste ponto se mostrou inflexível sua profunda humildade. De todas as amplas faculdades com que o brindou Sua Santidade, só aceitou a de poder benzer velas e rosários. Resistindo o pontífice a confirmar o quarto voto de perpétua abstinência em sua ordem, tomou o santo a mão ao cardeal Juliano della Rovere, que se achava presente, e disse: «Santíssimo Padre, este fará o que Vossa Santidade não quer fazer»; como o fez, com efeito, quando foi eleito papa, vinte e dois anos depois, com o nome de Júlio II.

Ao aproximar-se dos povoados, saíam em tropas a recebê-lo, e poucos se retiravam de sua presença sem ser testemunhas de algum milagre. Quando entrou em Bormes, na costa da Provença, achou a cidade desolada por uma cruel pestilência; mas não só ficaram sãos todos os que estavam enfermos, mas depois disso parece que o contágio tem respeitado aquela cidade pelos méritos do santo.

Foi recebido na França como um homem enviado de Deus. O Delfim, que foi depois Carlos VIII, saiu até Amboise para recebê-lo. Tendo chegado ao palácio de Plessis, o rei com toda a corte saiu-lhe ao encontro e recebeu-o com tanta honra e respeito, diz Commynes, como se fosse o próprio papa. Lançou-se a seus pés e pediu-lhe de joelhos que alcançasse de Deus que lhe prolongasse a vida. Mas o santo lhe respondeu como prudente e como profeta: «Senhor, a vida dos reis tem seus limites como a dos demais homens; Vossa Majestade me fez vir para que lhe alcancemos de Deus vida mais longa, e o Senhor me traz para dispor Vossa Majestade a uma santa morte.» O rei, a quem até então só o pensamento da morte assustava e até estremecia, ouviu a fatal sentença com admirável submissão aos decretos do céu. Mandou que alojassem o servo de Deus num quarto dentro do palácio, para poder falar-lhe com mais comodidade e maior frequência: cada dia passava com ele duas ou três horas, e quanto mais o tratava, mais convencido ficava de sua extraordinária santidade; e, resignado enfim perfeitamente às disposições do Senhor, morreu em seus braços com demonstrações muito cristãs, depois de lhe haver encomendado seus três filhos e pedido o sufrágio de suas orações pelo descanso de sua alma.

Carlos VIII fez ainda mais singulares honras a nosso santo do que as que lhe havia feito seu pai. Nada fazia sem seu conselho, não só nas coisas tocantes a sua consciência, mas até nos negócios pertencentes ao Estado; tão certo é que a virtude é respeitável até aos maiores monarcas. Quis que fosse padrinho de seu filho, o Delfim, e lhe pusesse o nome. Fundou um formoso convento de sua ordem no parque de Plessis e outro em Amboise, no mesmo lugar aonde havia saído a receber o santo quando veio à França; e, achando-se em Roma este príncipe no ano de 1495 [^1], fundou naquela corte o terceiro convento da mesma ordem, com a advocação da Santíssima Trindade, querendo que os religiosos que vivessem nele fossem sempre da nação francesa. Mostrou-se o santo por toda a sua vida sumamente agradecido à bondade do rei e a seus grandes benefícios; e alcançou-lhe de Deus, com suas orações, duas insignes vitórias, uma na batalha de Saint-Aubin e

outra na famosa jornada de Fornoue. A São Francisco de Paula deve em parte a coroa da França o ducado da Bretanha, pelo matrimônio do rei Carlos com Ana, herdeira daquele opulento Estado, em cuja negociação se empregou o santo com feliz sucesso. Luís XII, sucessor de Carlos VIII, quis ainda exceder a seus predecessores nas demonstrações de amor e de beneficência a nosso santo, de que lhe deu provas ilustres e gloriosas.

Mas o mais assombroso na vida deste homem extraordinário foi a inalterável uniformidade de sua maravilhosa conduta; foi tão pobre, tão humilde, tão mortificado, tão recolhido no meio da corte do papa e dos reis como na solidão de sua primeira ermida.

Durante sua residência no convento de Plessis, acabou de retocar e dar a última mão às três regras que compôs, a saber, para os religiosos, para as religiosas e para a terceira ordem, tendo o consolo de vê-las primeiramente aprovadas pelo papa Alexandre VI e depois solenemente confirmadas no ano de 1506 por Júlio II, como o santo o havia profetizado. Mas o humilde e santo fundador, longe de dar seu nome à ordem, quis que seus filhos se chamassem, como ele, os Mínimos de todos; nome que em nossa santa religião lhes dá mais honra que os mais magníficos ditados. E, como a caridade, que tinha tão frequentemente na boca e continuamente no coração, foi o móvel de todas as suas ações, quis que fosse também em parte o caráter de seus filhos; de sorte que, das duas virtudes mais queridas de nosso santo, a humildade cristã e a caridade, a primeira deu o distintivo à ordem e a segunda lhe serviu de símbolo, segundo as altas disposições do céu.

Enfim, no ano de 1507, aquele homem portentoso, tão universalmente venerado e tão profundamente humilde; aquele profeta, aquele novo taumaturgo, que renovou em seu tempo os maiores prodígios dos séculos passados; aquele grande santo, cujas assombrosas virtudes foram outros tantos milagres, depois de haver visto estendida sua religião na Itália pela benevolência dos sumos pontífices, na França pela piedade dos reis, na Espanha pelo zelo do rei dom Fernando, o Católico, e na Alemanha pela veneração que lhe professava o imperador Maximiliano I; havendo sido como o oráculo universal do orbe cristão e a admiração dos povos; cumulado de merecimentos; depois de uma enfermidade de poucos dias, que para ele foi uma contínua oração; tendo reunido seus religiosos e encomendado-lhes muito o amor de Deus, a caridade e união entre si, a fidelidade à santa regra e especialmente ao quarto voto de perpétua abstinência, fez-se levar à igreja na quinta-feira santa, confessou-se e recebeu o viático, com os pés descalços e com uma corda ao pescoço; e, havendo feito que o restituíssem à sua pobre cela, no dia seguinte, 2 de abril, rendeu docemente seu espírito nas mãos de seu Criador, aos noventa e um anos de idade; prodigiosa duração de vida, que se pode reputar por novo milagre num corpo tão extenuado pelos trabalhos e pela penitência.

Foi conduzido o cadáver do santo à igreja do convento, onde esteve exposto três dias, sem poder dar-lhe sepultura até a tarde da segunda-feira seguinte, pelo imenso concurso que acudiu a venerá-lo. Enterraram-no, enfim; mas na quinta-feira daquela mesma semana a duquesa de Bourbon, filha de Luís XI, e a condessa de Angoulême, mãe de Francisco I, mandaram tirá-lo da sepultura e conduziram-no a uma abóbada de cantaria ricamente adornada, que haviam mandado lavrar debaixo de sua magnífica capela. Ali esteve o santo corpo exposto por muitos dias tão inteiro, tão fresco e tão flexível como se estivesse vivo; e ali foi onde um célebre pintor, tirando

primeiro o molde de seu rosto, fez aquele retrato tão parecido que se conserva até o dia de hoje no Vaticano.

Desde logo começaram os fiéis a experimentar os efeitos de sua poderosa intercessão na multidão portentosa de milagres. Os pedaços de seu hábito e todas as pobres alfaias que haviam servido ao santo foram instrumentos de inumeráveis maravilhas. Toda a Europa, mas especialmente a França e a Itália, começou desde logo a solicitar com as mais vivas instâncias sua canonização. Júlio II deu princípio às informações, Leão X beatificou-o no dia 7 de julho de 1513 e, finalmente, no dia 4 de maio de 1519 foi canonizado com extraordinária solenidade.

No ano de 1562 [^2] os huguenotes assolaram a província a sangue e fogo; e, como empregavam principalmente sua sacrílega raiva nas relíquias dos santos, que com diabólico furor reduziam a cinzas, entraram, como desatadas fúrias, na igreja do convento de Plessis; abriram o sepulcro do santo e, encontrando o precioso cadáver inteiro e sem lesão, vestido de seu hábito, lançaram-lhe uma corda ao pescoço, arrastaram-no impiamente pela igreja e pelo convento até levá-lo à peça que servia de hospedaria, e ali o queimaram com o lenho do grande crucifixo da igreja, que haviam arrancado. Havia o santo profetizado esta horrível impiedade dos huguenotes, assinalando até o ano em que havia de suceder, como alguns meses antes que sucedesse o declarou ao padre visitador José de Tellier um religioso da ordem que havia recebido o hábito das mãos do próprio São Francisco. Mas não quis Deus privar inteiramente os fiéis de tão precioso tesouro; consumiu o fogo a carne, mas a maior parte de seus ossos foi preservada pelos católicos zelosos que se misturaram dissimuladamente entre os hereges, e se distribuíram depois em diferentes igrejas. Ao convento de Plessis e à igreja de Nossa Senhora a Rica, que é paróquia de Tours, tocou uma porção destas sagradas relíquias; as demais se conservam com singular veneração nas igrejas dos Mínimos de Nigeon, da Praça Real de Paris, de Aix na Provença, de Nápoles, de Gênova, de Madri, de Barcelona e de Paula, onde se guarda até o dia de hoje como preciosíssima relíquia o pobre, velho e puído hábito que ali deixou o santo quando passou à França, pelo qual cada dia obra o Senhor portentosas maravilhas.

Martirológio Romano

São Francisco de Paula, fundador da ordem dos Mínimos, o qual, havendo-se feito célebre por suas virtudes e milagres, foi canonizado pelo papa Leão X.

Em Cesareia da Palestina, a festa de Santo Anfiano, mártir, o qual, na perseguição de Galério Maximiano, tendo repreendido o presidente Urbano por sacrificar aos ídolos, foi cruelmente despedaçado; depois, por uma crueldade refinada, envolveram-lhe os pés num lenço empapado em azeite e puseram-lhe fogo; finalmente foi submergido no mar e, deste modo, tendo passado pelo fogo e pela água, chegou ao lugar do refrigério.

Ali mesmo, Santa Teodósia, virgem da cidade de Tiro, a qual, na mesma perseguição, tendo saudado publicamente os santos confessores que estavam em pé diante do tribunal e rogado-lhes que se lembrassem dela quando estivessem no céu, foi presa pelos soldados e levada ao

presidente Urbano, por cuja ordem lhe descarnaram os flancos e os peitos até as entranhas e logo a lançaram ao mar.

Em Lião da França, São Nicécio, bispo desta cidade, esclarecido em santidade e em milagres.

Em Como, Santo Abúndio, bispo e confessor.

Em Langres, São Urbano, bispo.

Na Palestina, o trânsito de Santa Maria Egipcíaca, apelidada a Pecadora.

Missa (oração)

A missa é em honra do mesmo santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, humilium celsitudo, qui beatum Franciscum confessorem tuum sanctorum tuorum gloria sublimasti: tribue, quæsumus, ut ejus meritis et imitatione, promissa humilibus præmia feliciter consequamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, exaltação dos humildes, que elevastes vosso confessor, o bem-aventurado Francisco, a sublime grau na glória de vossos santos, concedei-nos, vo-lo pedimos, que, por seus merecimentos e imitação, consigamos felizmente os prêmios prometidos aos humildes. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 3 de São Paulo aos Filipenses.

Filipenses 3,7-12

> **Latim:** [7] Sed quæ mihi fuerunt lucra, hæc arbitratus sum propter Christum detrimenta. [8] Verumtamen existimo omnia detrimentum esse propter eminentem scientiam Jesu Christi Domini mei : propter quem omnia detrimentum feci, et arbitror ut stercora, ut Christum lucrifaciam, [9] et inveniar in illo non habens meam justitiam, quæ ex lege est, sed illam, quæ ex fide est Christi Jesu : quæ ex Deo est justitia in fide, [10] ad cognoscendum illum, et

> virtutem resurrectionis ejus, et societatem passionum illius : configuratus morti ejus : [11] si quo modo occurram ad resurrectionem, quæ est ex mortuis : [12] non quod jam acceperim, aut jam perfectus sim : sequor autem, si quomodo comprehendam in quo et comprehensus sum a Christo Jesu.

Português: [7] Porém as cousas que me forão lucro, as reputei como perdas por Christo. [8] E na verdade tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesu Christo meu Senhor: pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por esterco, com tanto que ganhe a Christo, [9] e que seja achado nelle, não tendo a minha justiça, que vem da lei, senão aquella que nasce da fé em Jesu Christo: a justiça que vem de Deos pela fé, [10] para conhecello a elle, e a virtude da sua resurreição, e a communicação das suas afflições: tendo-me conformado a elle na sua morte: [11] por ver se de alguna maneira posso chegar a resurreição, que he dos mortos. [12] Não que a tenha eu já alcançado, ou que seja já perfeito : mas eu prosigo, para ver se de algum modo poderei alcançar aquillo para o que eu tambem fui tomado por Jesu Christo.

Nota

«O assunto desta carta, em rigor, não é mais que dar graças o Apóstolo aos filipenses, povos da Macedônia, pela liberdade e caridade que haviam usado com ele; mas, de passagem, não deixa de dar-lhes em toda ela conselhos muito salutares e lições eficacíssimas da mais elevada santidade e perfeito desapego. Escreveu-se esta epístola em Roma, por volta do ano do Senhor de 61.»

Reflexões

As coisas que até aqui tinha por felicidades, já começo a olhá-las como desgraças, por amor de Jesus Cristo: *Quæ mihi fuerunt lucra, hæc arbitratus sum propter Christum detrimenta.* Só por pura ilusão, só por erro podemos julgar dignos de nossa estima os bens criados; o capricho do entendimento humano, a extravagância de nosso gosto, uma cega preocupação pode unicamente dar-lhes algum preço. A medida de seu justo valor é a opinião, e esta cresce ou míngua com a paixão. As terras, as posses, os empregos que são o objeto de nossa ambição, podemos dizer que só os gozamos por via de empréstimo; somos, quando muito, meros arrendatários ou administradores, que dentro de poucos dias havemos de dar estreita conta de tudo o que se nos entregou. Mas que virtude têm os bens do mundo para fazer feliz um homem? Nascem com eles os espinhos. Que grande fortuna há sem grandes inquietações? Toda repleção é enfermidade; não são os mais tranquilos os empregos mais elevados. É muito raro o manjar doce que não se converta em bile. Desenganemo-nos: a terra em que vivemos só produz frutos amargos, agros e silvestres. Quando se achou um coração que se desse por satisfeito, ainda no meio da abundância? E que abundância se encontra neste mundo sem amarguras e desgostos? E, contudo, isso é o que se

chama dita, felicidade, fortuna e objeto de inveja. O homem material e terrestre facilmente se deixa deslumbrar por estes falsos brilhos; mas um entendimento ilustrado com as luzes da fé, é possível que há de ter por grande fortuna esses oropéis, esses fantasmas de felicidade, esses manadouros de cuidados, esses estorvos de nossa salvação? Que fortuna pode ser, bom Deus, estar nessas eminências expostas a tantas tempestades, a tantos ventos furiosos? Que fortuna, não dar passo que não seja num precipício; caminhar por entre espinhos que picam, que penetram, que despedaçam; andar oprimido com cargas que sufocam? Que fortuna, não brilhar, não sobressair senão para ser o alvo dos tiros do inimigo, para ser melhor distinguido na refrega? Que fortuna, enfim, respirar sempre um ar infeccionado, viver mais atordoado que os outros no meio do ruído, estar exposto a tentações mais violentas, a riscos mais perigosos, a naufrágio mais seguro? Não, não tenhamos inveja aos ditosos do século; algum dia darão motivo a seu pranto essas sonhadas e imaginárias felicidades; na hora da morte eles mesmos as qualificarão de verdadeiras desditas. Oh, que coisa tão triste é começar tão tarde a ter juízo e a conhecer as coisas como são! Ditoso aquele que não espera que a morte lhe tire as cataratas dos olhos para perceber distintamente a vaidade, a nenhuma substância do que deslumbra, do que encanta. Tudo o que se chama felicidade no mundo só é bom para servir de vítima a muitos sacrifícios. Ditoso o que, à imitação de São Paulo, deixa tudo por ganhar a Jesus Cristo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,32-34

> **Latim:** [32] Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis regnum. [33] Vendite quæ possidetis, et date eleemosynam. Facite vobis sacculos, qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in cælis : quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit. [34] Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit.

Português: [32] Não temais, ó pequenino rebanho, pois que foi do agrado de vosso Pai dar-vos o seu reino. [33] Vendei o que possuis, e dai-o em esmolas. Provei-vos de bolsas, que se não gastão com o tempo, ajun- tai nos ceos hum thesouro, que não acaba: aonde não chega o ladrão, e ao qual não rée a traça. [34] Porque onde está o vosso the- souro, ahi estará tambem o vosso coração.

Meditação

Da humildade cristã

Primeiro ponto

Considera que a humildade cristã é a virtude das almas grandes, dos gênios sublimes, dos entendimentos de primeira classe, iluminados com as mais vivas luzes da fé. É grande erro confundir esta nobre virtude com a pusilanimidade das almas apoucadas. Não é a humildade cristã aquela obscura e covarde ociosidade de um coração insulso, de uma razão meio apagada; é um conhecimento vivo, uma persuasão efetiva e prática de sua própria miséria e de seu nada, que inspira ditames e resoluções correspondentes a esta clara luz, que dita um verdadeiro desprezo de si mesmo, uma respeitosa e terna confiança no Senhor.

Não há coisa mais razoável, não há coisa mais nobre que este baixo conceito de si próprio, porque não a há mais verdadeira. É mister entendimento para conhecer e confessar que se tem muitos defeitos e pouco mérito. Os entendimentos limitados e vulgares só admiram e apreciam o que cresce em seu campo, como aqueles grosseiros aldeões que nunca viram mais que o que há em suas aldeias. Mas, quando a graça, por assim dizer, cultiva e aperfeiçoa aquele coração e aquele entendimento; quando, em favor das luzes sobrenaturais, registra um o que é e o que pode ser; quando descobre aquele montão de culpas, aquele fundo sem solo de misérias, aquela propensão natural ao mal, aquela debilidade, aquela fraqueza para tudo o que é bom: como pode deixar de olhar-se a si mesmo com o último desprezo? Como pode sofrer que o louvem sem que lhe caia a cara de vergonha? Não é cortedade, não é falta de entendimento, não é espécie de loucura envaidecer-nos de que nos tenham por o que não somos, e sentir que nos conheçam pelo que valemos? E não é este o verdadeiro caráter da soberba? A humildade, pelo contrário, gosta muito de que ninguém se engane a nosso respeito; e que coisa mais posta em razão? O que deseja ser estimado, nesse mesmo desejo acredita o pouco que o merece. Que maior injustiça que exigir do público um tributo que não se nos deve!

Quid habes quod non accepisti?, diz o Apóstolo [^3]: Que tens que não o tenhas recebido? E, se o recebeste, de que te glorias, como se fosse colheita tua? Será porventura mister dar tormento à nossa razão para descobrir dentro de nós mil motivos para humilhar-nos? Erros no entendimento, paixões no coração, enfermidades no corpo, desvarios na imaginação: tudo é pobreza, tudo é humilhação no homem; até as prendas mais brilhantes de que goza estão cercadas de sombras. Não, não é mister abrir as sepulturas para convencer-se qualquer de que o monarca mais poderoso e o vassalo mais infeliz não são senão pó e cinza. *Quid superbit terra et cinis* [^4]? De que se ensoberbecerá a cinza? De que se envaidecerá o pó? Certamente nada nos deve humilhar tanto como nosso mesmo orgulho. E será possível, Senhor, que ainda me custe trabalho ser humilde, e sê-lo à vista de um Deus tão humilhado para curar meu orgulho!

Segundo ponto

Considera que, além dos motivos que temos para humilhar-nos, deveríamos ser humildes, ainda que não fosse mais que pelo muito que se ganha no exercício desta importante virtude.

Nenhuma virtude há sem humildade, e todas custam pouco a uma alma verdadeiramente humilde. A graça, diz o apóstolo Tiago [^5], lhe é comunicada com abundância. *Finis modestiæ*, diz o Sábio [^6], *timor Domini, divitiæ et gloria et vita.* O que é humilde teme a Deus, cresce em mérito e em glória; e, quanto mais profundo é o alicerce da humildade, mais elevado é o edifício da perfeição. *Humiles spiritu salvabit* [^7]: a humildade cristã é sempre penhor da salvação. Em quem porei eu meus benignos olhos?, diz Deus por Isaías; a quem franquearei os tesouros de minha misericórdia, senão a um coração humilde e contrito? *Ad quem respiciam, nisi ad pauperculum, et contritum* [^8]?

Bem se pode dizer que a humildade desarma a cólera de Deus, que lhe ganha o coração e o empenha, por assim dizer, em fazer as maiores maravilhas: *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ.* A graça de haver sido elevada à suprema dignidade de Mãe de Deus não a atribuiu a santíssima Virgem à sua virgindade, nem a seu fervor, nem a todas as demais virtudes que possuía em grau tão eminente, mas precisamente à sua humildade: *Quia respexit humilitatem.* Sejamos humildes, não saiamos jamais de nosso nada, e aquele grande Deus que criou do nada todo o universo servir-se-á de nós para obrar mil maravilhas.

Olha os apóstolos, põe os olhos nos maiores santos: todos foram humildes a qual mais. Que prodígios não obrou o portentoso Paula entre grandes e pequenos! Foi sem dúvida o milagre de seu século; mas havia no mundo homem mais humilde? Quando há de chegar o tempo em que tantos e tão visíveis exemplos, tantos e tão poderosos motivos, tantas e tão urgentes razões nos abram finalmente os olhos, sejam eficaz medicina a nosso orgulho e nos façam tomar gosto à humildade?

Posso, Senhor, ver-vos a vós humilhado até a morte de cruz, posso ver-me a mim mesmo inchado de orgulho e de vaidade, e não ser humilde! Ah, demasiado que posso, e minhas máximas, minhas operações e minha conduta provam bastante o que sou; mas tudo espero de vossa misericórdia infinita. Mandais-me que aprenda de vós a ser humilde de coração: fazei que venha a sê-lo; com todo o coração vo-lo peço, com toda a alma o desejo.

Jaculatórias

> *Loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis et cinis?* Gn 18.

Terei alento para falar a meu Deus e a meu Senhor, eu que não sou mais que cinza e pó?

> *Ego sum pauper et dolens; salus tua, Deus, suscepit me.* Sl 68.

Pobre sou, enfermo sou; tende misericórdia de mim e sede, Senhor, minha salvação.

Propósitos

1. A humildade sem a humilhação ordinariamente não é mais que aquele especulativo conhecimento que se tem do mérito e da importância desta virtude, mas nem sempre é a virtude mesma. Ninguém é humilde precisamente porque conheça os motivos que tem para sê-lo. As virtudes morais são práticas. A prova mais segura, a menos equívoca da humildade é o desejo da humilhação. Se esta importantíssima virtude consistisse só em palavras, os cumprimentos menos sinceros acreditariam de humildes a muitos que se alimentam de orgulho e de vaidade. Coisa estranha! Está um carregado de defeitos que saltam aos olhos e não pode tolerar que os percebam; e, se alguém lhos nota, se lhos censura, que ódio, que mortal aversão! Condena ele mesmo em outros estes próprios defeitos e pretende que os demais os dissimulem nele porque são seus. Corrige desde logo um vício tão comum e tão injusto. Se não tens virtude para amar a humilhação, tem ao menos humildade para sofrê-la com paciência; não te desculpes naquelas ocasiões em que é maltratado o amor-próprio e dispõe Deus que te firam a vaidade.

Ficarás tão alegre por haver calado; não percas, com um silêncio seco e desabrido, com uma palavrinha picante, com certa indignação mal dissimulada, não percas o mérito desta curta humilhação, que é admirável remédio contra os inchaços do coração.

2. Nem sempre nasce do gênio nem do mau humor a demasiada delicadeza e o pouco sofrimento dos amos; um secreto orgulho, uma soberba não muito encoberta, costuma ser frequentemente o verdadeiro princípio de tantas prontidões, de tantas vivezas impacientes. Não se pode levar com paciência uma palavra menos respeitosa; alvoroça-se a casa ao mais leve descuido de um criado; dá-nos no rosto a lentidão dos que nos servem; se alguém se mostra menos pronto, menos obediente a nossas ordens, isso nos põe de mau humor. Chama com o nome que quiseres a essas impaciências, a esses enfados; cobre-os com a capa que te parecer; o certo é que serias mais sofrido se fosses menos orgulhoso. Começa desde este mesmo ponto a pôr em prática as regras seguintes. Primeira: desculpa com caridade as faltas dos outros e não permitas que tua família faça conversação delas. Segunda: quando te faltarem em alguma coisa que toque imediatamente a tua pessoa, como em certas atenções, em certas honras, em certa distinção que te é devida; quando se tenham esquecido de apresentar-te certos obséquios ou serviços, não percas o mérito destas humilhações. A pouca memória ou a má habilidade de um criado, a descortesia de muitas classes de gentes, a malignidade e o perverso coração de tantos falsos amigos te oferecerão mil ocasiões cada dia de fazer ao Senhor estes pequenos sacrifícios. Terceira: dize muitas vezes a ti mesmo o que se dizia São Bernardo: Adoro a um Deus humilhado por mim até a morte de cruz, e eu não sou humilde!

[^1]: O texto do OCR traz «1455», data impossível (Carlos VIII nasceu em 1470); a estada deste rei em Roma foi no começo de 1495, e assim se corrigiu. [^2]: O texto do OCR traz «1502», o que não é possível: os huguenotes só aparecem mais tarde, e a profanação do corpo do santo em Plessis deu-se em 1562, ano em que se corrigiu. [^3]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A citação é de 1 Coríntios 4,7. [^4]: Eclo 10. [^5]: Tg 4. [^6]: Pr

22. [^7]: Sl 33. [^8]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A citação é de Isaías 66,2.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:46:41 by Admin
Updated 20 November 2026 20:46:41 by Admin